

## GRUPOS DO FACEBOOK PARA O ENSINO DE LITERATURA

Mestrando André Luis Bento dos Santos (UFPE)  
Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria do Carmo de Siqueira Nino (UFPE)

### **Resumo:**

*Este ensaio é resultado da experiência de ensino-aprendizado da disciplina Literatura entre alunos do terceiro ano do ensino médio do Colégio Militar do Recife, no último bimestre do ano letivo de 2012, empregando como ferramenta os “grupos” da rede social Facebook. A experiência, de cunho qualitativo, consistiu no entrecruzamento de linguagens, códigos e recursos, privilegiando o estudo das relações entre Literatura e outras manifestações artísticas, por meio de tecnologias da informação e da comunicação. Para isso, foram adotadas, além das obras literárias recomendadas para o vestibular da Universidade Federal de Pernambuco, as Orientações Curriculares para o Ensino Médio, Volume 1: Linguagem, Códigos e suas Tecnologias, da Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação. A metodologia empreendida constou da disponibilização de links de vídeos com licença padrão do YouTube como material complementar às aulas, explorando alguns dos recursos disponíveis no mural “grupos”, especialmente os “posts” e as “visualizações”. Como resultados iniciais, observou-se uma participação mais ativa de alguns deles por meio de comentários e uma melhora sensível no desempenho dos alunos em sala de aula. À guisa de conclusão da experiência, verificou-se a necessidade da criação de um novo “grupo”, com implementação prevista para o segundo semestre de 2013, a fim de realizar um estudo mais duradouro e sistematizado do objeto, o que constitui o nosso projeto de mestrado acompanhado de um aprofundamento teórico, tendo como modelo a intersemiose.*

**Palavras-chave:** literatura, intersemiose, educação a distância, Facebook.

### **1 Introdução**

Minha experiência começa em fins de setembro de 2012. Não me recordo exatamente da data. Seria o início de uma semana como outra qualquer, mais um dia de trabalho lecionando no Colégio Militar do Recife. Uma sala de aula vazia aguardava os alunos que daqui a pouco seriam liberados da formatura matinal para o início de mais uma jornada de estudos. Na sala de aula, esperando os alunos estava um professor que, há uma semana, ministrava aulas de Língua Portuguesa para o 8º ano do ensino fundamental e que, agora, assumiria a disciplina de Literatura, no 3º ano do ensino médio, a um bimestre do término do ano letivo, por conta de um imprevisto afastamento do professor titular da disciplina. Pois bem, lá estava eu. A escolha não era de todo aleatória. Em 2011, eu lecionara Literatura para esses mesmos alunos, no 1º ano do ensino médio. Digamos, assim, que eu tinha algum conhecimento de causa. Sob mim, pesava a responsabilidade de contribuir, de alguma forma, para a realização dos sonhos daqueles jovens vestibulandos. Daqui a pouco eles entrariam em sala. As próximas aulas versariam sobre o Pós-45, assim havia me inteirado, especialmente sobre João Guimarães Rosa e Clarice Lispector, na prosa; e João Cabral de Melo Neto, na poesia. Sendo a arte poética a ponta de lança dos

movimentos literários, não hesitei em começar pelo vate recifense de “Morte e Vida Severina”, ainda mais porque este deixa vaziar em sua obra traços autobiográficos que, digamos assim, estabeleceriam uma identificação com os alunos, a maioria deles naturais do Recife e de outras cidades de Pernambuco. Desconfiados, mal os alunos começaram a entrar na sala de aula, convidei-os a saírem indicando a sala de projeção, onde assistiríamos a um filme: “Morte e Vida Severina”. Durante a exibição do vídeo, pude perceber alguns olhares fixos na tela, um bom sinal de que os alunos estavam assistindo ao vídeo, ou pelo menos a maioria deles. Um ou outro dorme, não sou hipócrita. A escola, às vezes, dá-nos sono. Ouço também gargalhadas, as quais revelam que os alunos estão se divertindo. Mas acompanho, além do comportamento dos alunos, o poema com o livro nas mãos. Não é a primeira vez que assisto ao filme. Posso, portanto, testar a fidelidade ao texto original. Terminada a sessão de cinema, comprovo absorto que poucos foram os versos omitidos. Depois de aproximadamente uma hora de exibição, restam-me, ainda, poucos minutos, durante os quais me dedico intensamente ao debate até que me dou conta de que o tempo de duas aulas já havia chegado ao fim. Ainda, retenho os alunos durante alguns segundos de seu intervalo, para entregar-lhes uma lista com questões de vestibulares anteriores sobre “Morte e Vida Severina”. Minha inconveniência de segurá-los em sala se justifica: só voltaria a encontrar esses meninos e meninas daqui a uma semana. Liberados os alunos para o intervalo, dirijo-me à sala dos professores, com os quais comento o que havia feito. Sinto-me realizado, pois, às vésperas de um vestibular, atividades como uma sessão de cinema além de educativas se prestam a relaxar. Por outro lado, sinto uma leve frustração pelo pouco tempo de discussão da obra. Os colegas elogiam meu feito, afinal não havia me rendido aos famosos resumos. Assistindo ao filme, sem se darem conta, os meus alunos, de certa forma, haviam lido o poema.

Entre os colegas professores, ecoou a voz de um mestre de História, o qual me recomendou ver um recente desenho animado sobre “Morte e Vida Severina”. Solícito, apanhou o *pen drive*, mas não encontrou o vídeo que havia “baixado”. Procurou em seu *notebook*, mas nada. Persistente, propôs-se a “baixar” novamente o vídeo, mas a Internet estava lenta. Ao final, resignado, sugeriu-me que mais tarde eu mesmo procurasse o vídeo no *YouTube*. Todo aquele tempo dispendido levou-me a admirá-lo, mas, também, pôs-me a refletir: considerando que um bimestre completo, sem feriados, tem (ou teria) oito semanas, e que, em cada semana, o professor dispõe de dois tempos de uma hora/aula, restavam sete encontros para conversarmos com Clarice Lispector, Guimarães Rosa e os autores da literatura nordestina contemporânea, como Ariano Suassuna, Osman Lins e Joaquim Cardozo, além do universal José Saramago. Seis nomes, seis encontros. Nossa, sobravam, ainda, dois encontros fortuitos! Qual daqueles autores haveria de me possuir por mais tempo? Ironias à parte, bimestres completos não passam de ilusão, ou pior, revelam falta de planejamento. Em outubro, 12, Nossa Senhora de Aparecida; 15, Dia do Professor; e 28, para os professores empregados dos municípios, dos estados, do distrito federal, e do governo federal, Dia do Funcionário Público. Em novembro, 02, Finados; 15, Proclamação da República; e, 20, a critério de cada estado ou município, conforme o vínculo empregatício, Dia da Consciência Negra. Fora isso, há, naturalmente, o período de provas, em que os alunos se veem obrigados a adotar uma atitude imediatista voltando todos os seus esforços para a disciplina da prova do dia seguinte. E por falar em provas, não nos esqueçamos de que, em novembro, 3 e 4, segunda e terça-feira, ocorreria o Enem. Por sua vez, as provas da UFPE, que haviam sido previstas para 2 e 3 de dezembro, foram transferidas para 12 e 13 de janeiro, em ambos os casos, num sábado e domingo, menos mau. Depois dessa digressão, chego à seguinte certeza: nós, professores de Literatura,

disposomos de pouquíssimo tempo de aula.

## 2 “Grupos” do *Facebook*: uma experiência em tempo real.

De volta à narrativa de minha experiência, um pouco mais tarde, como sugerido pelo colega de História, tentei uma vez mais fazer o *download* do desenho animado, o que demandou certo tempo, mas consegui. Em seguida, tentei fazer o *upload* do vídeo no *Facebook*, o que demandou mais tempo, porém, dessa vez, sem sucesso. Desisti, mas não por completo: haveria de pelo menos disponibilizar o *link* para que os alunos interessados pudessem baixar o vídeo e, assim, assistir em casa. Foi quando me ocorreu que muitos dos meus “amigos” (aqui entre aspas por se tratar da designação adotada no *Facebook*) não se interessariam pelo vídeo. Foi quando decidi transpor as barreiras espaçotemporais e criar um “grupo” (designação adotada no *Facebook* para reunião de usuários com um mesmo interesse). A essa altura, já tinha alguma experiência em “grupos” do *Facebook*, pois participava com mais quinze alunos, dos quais tirava dúvidas de Língua Portuguesa, de um “grupo fechado” (grupo em que só se é aceito mediante a autorização de um administrador, espécie de gerente do grupo). Mas, agora, o administrador do grupo seria eu. Era algo imprevisível. Será que os alunos iriam se interessar por um grupo de estudo no *Facebook*? Alguns podiam se interessar, mas quantos? Que tal tentar? Estava mesmo ansioso para postar, na Internet, o *link* do desenho animado que o professor de História havia me indicado. Afinal, não era justo consumir mais um tempo de aula com João Cabral de Melo Neto, sob o risco de descuidar-me dos outros autores. Pois bem, no dia 26 de setembro, às 16h02, era criado o grupo LIT em alusão às iniciais da disciplina. Veja-se a figura 1, a seguir.



Figura 1: criação do grupo LIT.

Da mesma forma, às 16h05, do mesmo dia, informei aos futuros membros a que o grupo se destinava e, às 16h09, postava o *link* para o vídeo “Morte e Vida Severina em Desenho Animado”, o qual foi carregado na página do *Facebook* em tempo real. Vejam-se os *posts*, as *postagens*, da figura 2, seguinte.



Figura 2: de baixo para cima, primeira postagem ao grupo descrevendo sua finalidade e *link* para acesso ao vídeo “Morte e Vida Severina em Desenho Animado”.

Quanta ignorância da minha parte e quanto tempo perdido fazendo *downloads* e *uploads*! Acabava de descobrir o milagre da confluência das mídias. Ou em outras palavras, não era necessário baixar o vídeo do *YouTube* para o meu computador, para, só depois, postá-lo no *Facebook*, como era de se esperar de um leigo. Bastava, entre outras possibilidades, depois descobertas, copiar e colar o *link* no *Facebook* e o vídeo já estava imediatamente acessível aos usuários. Foi o que aconteceu com “Morte e Vida Severina em Desenho Animado”, visualizado por 99 membros, a maioria deles no mesmo dia da postagem. Diante de número tão expressivo, ignorei qualquer questionamento do tipo se o aluno tem acesso à Internet, preferindo pensar que questionamentos como esse não passam de resistência estéril a uma realidade em pleno desenvolvimento. Assim levantei algumas hipóteses, todas elas, reconheço, necessitando comprovação: as gerações urbanas de hoje, raramente, não têm acesso à Internet ou não participam de alguma rede social, em especial do *Facebook*, e mais ainda, poucos são os que ainda não fazem parte de um grupo no *Facebook*. Tiro por mim, adotando o método indutivo, um homem de 42 anos procurando manter-se conectado às inovações tecnológicas, o que não se dirá desses meninos mais novos? Confesso: minha ideia era atender a uns poucos alunos interessados por literatura. Qual não foi minha surpresa ao ver que 99 alunos haviam aderido ao grupo como membros!

### 3 *Facebook* versus outras redes sociais.

Mas por que o *Facebook*? Por que não outra rede social, ou um blog, ou, mesmo, o AVA – ambiente virtual de aprendizagem – do Colégio? Vamos, então, a breves explicações que pretendem não desqualificar qualquer dessas outras ferramentas, todas válidas como suporte de EaD (Educação a Distância), mas antes demonstrar comparativamente minha preferência pelo *Facebook*. Começemos pelo AVA: é preciso certo pragmatismo para acessar o ambiente virtual de aprendizagem com alguma

regularidade, ao passo que o *Facebook* é acessado diariamente, segundo dados empíricos colhidos de meus alunos. Coisa semelhante ocorre com os *blogs*, cujo usuário acessa conforme sua vontade sem sequer a obrigação de um curso como ocorre no AVA. Mas também não é assim com as redes sociais? Não, exatamente. Quem acessa as redes sociais quer estar conectado o tempo todo com os seus “amigos” ou “conhecidos”, opção recentemente oferecida pelo *Facebook*. Graças à confluência das mídias, mesmo que um usuário não esteja na frente de um computador, ele é avisado imediatamente pelo celular de que há novas mensagens em sua conta de e-mail assim como novas notificações no *Facebook* e mais, é possível acessá-las do próprio celular. Daí minha preferência pelo uso de redes sociais ao e-mail, ao blog, ou mesmo ao AVA. Em outras palavras, a pessoa não se conecta, ela já está conectada.

Mas por que a rede social *Facebook* e não outra? Porque a rede social criada por Mark Zuckerberg e outros três colegas de Harvard é a rede social que mais cresce no mundo, segundo as revistas especializadas no ramo.

Atualmente, 72% dos 2 bilhões de internautas do mundo participam de alguma rede social, segundo a empresa de pesquisas com.Score. O *Facebook* é a que mais cresce. A rede de Zuckerberg tem 596 milhões de usuários ativos (...). Esses internautas compartilham mensalmente 30 bilhões de notícias, fotos, *links* e outros tipos de conteúdo. (DICAS INFO FACEBOOK, edição 87. p.12).

Com o avanço na área das TICs - tecnologias da informação e da comunicação – essa informação já deve estar desatualizada no momento desta leitura, mas não é a exatidão dos dados o que nos importa. O que nos interessa é ue esses números são superlativos. Nesse sentido, não reconhecer a importância das redes sociais, e em especial do *Facebook*, é tapar os olhos para a realidade de nossos alunos. Para saber um pouco mais sobre o fenômeno *Facebook*, recomendo a leitura do livro de Ben Mezrich, *Bilionários por Acaso*, que deu origem ao filme “A Rede Social”, dirigido por David Fincher.

Mas por que os “grupos” do *Facebook*? Disponibilizar as TICs aos alunos e colocá-los diante de informações, problemas e objetos de conhecimento pode não ser suficiente para envolvê-los em um processo de aprendizagem colaborativa. Autores como ALMEIDA (2000) defendem que é preciso criar um ambiente que favoreça a aprendizagem significativa do aluno e que desperte a disposição para aprender. Para isso, o gerenciamento desses ambientes diz respeito a diferentes aspectos: a gestão das estratégias de comunicação e mobilização dos participantes; a gestão da participação dos alunos por meio do registro das produções, das interações e dos caminhos percorridos; a gestão do apoio e de orientação aos alunos; e a gestão da avaliação. Neste sentido, seguindo a sugestão dessa autora, entendemos que a EaD em “grupos” do *Facebook* permite romper com as distâncias espaço-temporais ao viabilizar a interatividade, recursividade, múltiplas interferências, conexões e trajetórias, não se restringindo à disseminação de informações e tarefas inteiramente definidas de forma apriorística, conforme defendido por Almeida. Ou para ser mais específico, os grupos reúnem pessoas que, em dado momento, compartilham de um mesmo interesse. No caso em questão, a disciplina de literatura. Assim, o saber pode ser coletivo, construído pelas intervenções dos alunos, que como membros do grupo gozam dos mesmos recursos do professor de postar vídeos, curtir, fazer comentários, etc. Diante dessa realidade, o professor passa a desempenhar um papel de mediador na condução do processo ensino-aprendizado.

A partir daí, lancei-me a fundo e tenho procurado explorar os muitos recursos que os

grupos oferecem: “sobre”, “eventos”, “fotos”, “arquivos”, “escrever alguma coisa”, “comentários”, “fazer uma pergunta”, “curtir”, “visualizações”, etc. Além disso, o usuário não precisa necessariamente parar o que está fazendo quando recebe uma notificação no grupo em que é membro. Se, por exemplo, ele estava ouvindo música e verifica que há um comentário sobre algum *post*, ele não precisa interromper sua atividade e pode simultaneamente fazer seu comentário ou iniciar ou manter um bate-papo com outro amigo. Se por outro lado, o aluno não quer expor sua opinião perante os outros membros por timidez ou vergonha de errar, existe a possibilidade de fazê-lo *in box*, por meio do *chat*, ou, em outras palavras, enviando uma mensagem reservada ao professor. Ainda mais: quando um amigo curte algum *post*, todos os seus amigos são notificados. Nesse caso, verificamos que o usuário age como formador de opinião, à medida que seus amigos são levados a fazer o mesmo. Talvez esse fenômeno explique o número expressivo de 99 visualizações de “Morte e Vida Severina em Desenho Animado” no grupo LIT.

#### 4 “Grupos” do Facebook: ferramenta de experiências intersemióticas.

Vivemos um momento em que a produção contemporânea convive de modo relativamente pacífico com as porosidades oriundas de uma simultaneidade entre as várias formas de expressão, como, por exemplo, imagem e texto, migrações de suportes, técnicas e materiais, cujas ressignificações atestam para seu caráter de transitoriedade e para seu enriquecimento de sentidos. Sem mencionar o fato de que:

A arte que envolve meios tecnológicos reforça ainda mais o caráter híbrido, que se refere à dissolução das fronteiras entre os suportes e as linguagens, assim como à constante reciclagem das informações que circulam nos meios de comunicação de massa. (NINO, 2008)

Para falar especificamente de “Morte e Vida Severina”, a obra do poeta e seus vários desdobramentos criativos constituem um paradigma intersemiótico no que diz respeito à sobreposição de signos. Publicado, em 1955, como poema dramático; em 1965, é musicado por Chico Buarque de Holanda a pedido de Roberto Freire, diretor do teatro TUCA, da PUC de São Paulo. Desde então, torna-se peça de sucesso no teatro brasileiro, recebendo, inclusive, reconhecimento internacional ao ser premiada no festival universitário de Nancy, na França, em 1966. Já, em 1977, “Morte e Vida Severina” torna-se filme do cineasta Zelito de Vianna e é premiado com a Margarida de Prata da CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Em 1981, com a direção de Walter Avancini, a rede Globo de televisão traz “Morte e Vida Severina” dos telões para as telinhas. E anos mais tarde, em 2012, a TV Escola disponibiliza, no *YouTube*, “Morte e Vida Severina em Desenho Animado”, uma versão audiovisual adaptada para os quadrinhos pelo cartunista Miguel Falcão, que, preservando o texto original na animação em 3D, deu vida e movimento aos personagens da obra-prima de João Cabral de Melo Neto.

Esse episódio me faz lembrar as palavras da personagem Paulo Honório, em São Bernardo: “Assisti um dia destes a uma fita no cinema, e creio que aprendi mais que se visse aquilo escrito. Sem contar que se gasta menos tempo.” Pois bem, assim respondo aos que pensam como a personagem de Graciliano Ramos:

Quando os romances começaram a servir de argumento para os filmes, os negativistas decretaram a morte do livro. Diziam: quem iria ler *Guerra e*

*paz*, de Tolstoi, durante meses, se se pode conhecer a estória em poucas horas numa sala de cinema? Mas, com o tempo, verificou-se o contrário: após assistir ao filme, as pessoas se interessaram pelo conhecimento da obra que o inspirou. (LUCAS, 2009. p.107).

Também advogam em nosso favor as Orientações Curriculares para o Ensino Médio:

Entretanto, quando é possível compartilhar impressões sobre o texto lido (a escola também poderia propiciar essas oportunidades), agimos do mesmo modo como quando acabamos de assistir a um filme: evidenciamos a particularidade de nossas leituras com apreciações individualizadas sobre personagens, narradores, enredo, valores, etc., emitimos o nosso ponto de vista, nossas impressões sobre vários aspectos da leitura – todas elas legítimas, portanto. (BRASIL, 2006. p.70).

Mas o leitor crítico, especialmente aquele amante da literatura, poderá aventar que “Morte e Vida Severina” foi uma feliz coincidência intersemiótica. Não, não foi coincidência. O cinema é por excelência o exemplo intersemiótico, pelo entrecruzamento de linguagens, códigos e recursos que oferece. Veja-se o que fala um dos críticos às supracitadas orientações

De fato, o aluno de hoje está mais familiarizado com a linguagem visual, por exemplo. Muitos adolescentes começaram por Harry Porter, o filme, e a partir dele descobriram o prazer da leitura de Harry Porter, o livro. E de Harry Porter poderão passar, mais tarde, a obras melhores. (PERRONE-MOISÉS, 1996. p.25).

Parte significativa das melhores de nossas obras literárias já foi adaptada audiovisualmente e está disponível gratuitamente no *YouTube*, o que torna o acesso a esses meios culturais mais democrático. Em seu *Poliedro da crítica*, Fábio Lucas dedica um breve tópico ao cinema, Literatura e Cinema, ocasião em que, além de exemplos da cinematografia universal, relaciona alguns filmes adaptados da literatura nacional:

No Brasil, a Paulista Film, de Miguel Milai e Antônio Leite, fez uma adaptação de *Os farsantes*, de Monteiro Lobato, em 1930. Roberto Santos tentou a transposição de *A hora e a vez de Augusto Matraga*, de Guimarães Rosa. Valter Lima Júnior tomou como tema *O menino de engenho*, de José Lins do Rego. Anselmo Duarte dirigiu *O pagador de promessas*, de Dias Gomes. (LUCAS, 2009. p.106).

Para encerrar este tópico, lembro Lucia Santaella na sua visão otimista de que estamos em plena revolução cujas consequências antropológicas e socioculturais serão muito mais profundas das que foram aquelas protagonizadas pela revolução industrial e eletrônica, ou mesmo a neolítica. A revolução digital, sua explosão no âmbito das telecomunicações culminando com a cibercultura e as comunidades virtuais, preconiza a autora, delegará a alcunha de “um tempo em que o mundo inteiro foi virando digital” (SANTAELLA, 2003, p. 173.).

## Conclusão

De volta à nossa aula com exibição de vídeo, verificamos que, se a prática pode ser agradável ao mesmo tempo em que útil, seu emprego não pode ser banalizado, sob o risco de que as aulas tornem-se sessões de cinema. Para isso, dispomos, hoje, da tecnologia que nos permite romper as barreiras espaçotemporais da sala de aula, fazendo da Internet uma

extensão da mesma. Nesse sentido, nossa sugestão reside no emprego de redes sociais, sendo o *Facebook* aquela que mais cresce no mundo. Feita a opção por essa rede social, cumpre saber explorar as ferramentas que melhor reúnam pessoas com um mesmo interesse, no que desponta como possibilidade bastante promissora o uso dos “grupos”, os quais, conforme a finalidade, poderão ser abertos, fechados ou mesmo secretos. Criado um grupo, é preciso conhecer os seus recursos, que são muitos, para melhor explorá-los. Por tudo isso, julgamos que a experiência proporciona um bom projeto de pesquisa, o que nos motivou a apresentar ao programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, por ocasião do processo de seleção ao mestrado em Teoria de Literatura, vindo o mesmo a ser aprovado sob a orientação da professora Maria do Carmo Nino, que nos conduziu na elaboração deste ensaio, apresentando novos questionamentos que nos têm levado a constatar a necessidade da criação de um novo “grupo”, com implementação prevista para o segundo semestre de 2013, a fim de realizar um estudo mais duradouro e sistematizado do objeto, assim como o imperativo de um aprofundamento teórico, adotando autores como Lucia Santaella como base teórica para entender as questões de caráter intersemiótico que o nosso *corpus* exige.

Se o *Facebook* teve impacto na primavera árabe por que não promover uma primavera literária?

## Referências Bibliográficas

- 1] ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de. **O computador na escola: contextualizando a formação de professores** (tese de doutorado). São Paulo: PUC-SP, 2000.
- 2] BRASIL. **Orientações curriculares para o Ensino Médio**. Vol. Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: MEC/ Secretaria de Educação Básica, 2006. ISBN 85-98171-42-5.
- 3] DICAS INFO FACEBOOK, edição 87. São Paulo: Abril: 2011. ISSN: 18079245.
- 4] LUCAS, Fábio. **Literatura e cinema**. In \_\_\_\_\_. O poliedro da crítica. Rio de Janeiro: Calibán, 2009. ISBN: 9788587025418.
- 5] MEZRICH, Ben. **Bilionários por acaso: a criação do Facebook**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2010. ISBN: 9788598078946.
- 6] NINO, Maria do Carmo, **Aventuras artísticas: incoesão e coerência**. In: Revista Tatuí. nº 4. Recife: Ed. Clarissa Diniz e Ana Luisa Lima, 2008. ISSN-21750084.
- 7] PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Literatura para todos**. In: Revista Literatura e Sociedade. São Paulo: UPS/ FFLCH / DTLLC, 1996. p. 16-29. ISSN 14 13-2982.
- 8] RAMOS, Graciliano. **São Bernardo**. Rio de Janeiro: Record, 2003. ISBN: 8501066656.
- 9] SANTAELLA, Lucia. **Culturas e artes do pós-humano: das culturas das mídias à cibercultura**. São Paulo: Paulus, 2003. p. 173. ISBN- 8534921016.